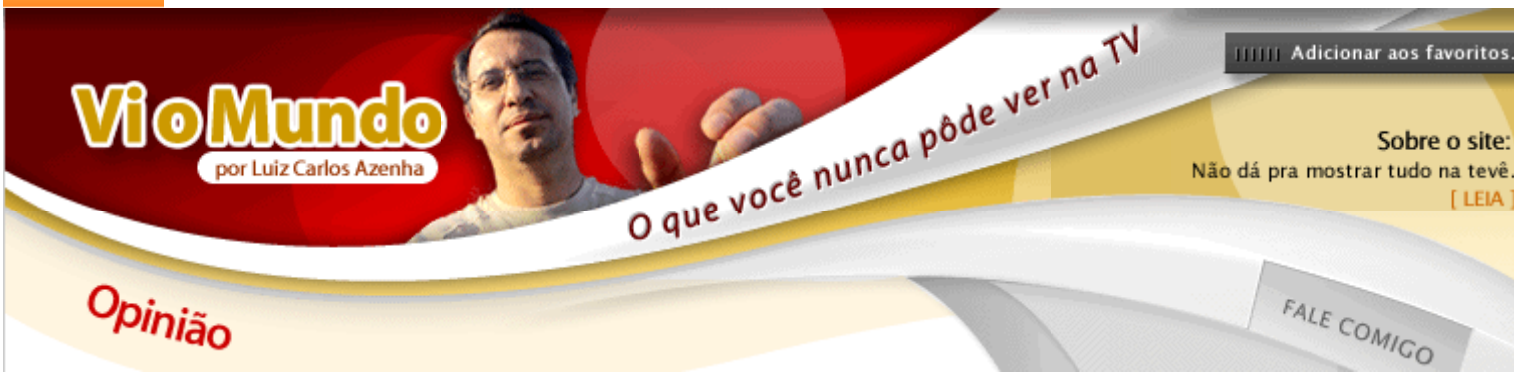

Golpe branco: comentaristas desqüalificam eleitores de Lula

O documentário **"A Revolução não será Televisionada"**, sobre o golpe contra **Hugo Chávez** por líderes da oposição, com o apoio explícito de emissoras de televisão e apoio tácito dos **Estados Unidos** é imperdível.

Deixa clara a manipulação de imagens e informação com objetivos políticos de uma forma nunca antes registrada na História.

Só vendo para acreditar.

No **Brasil**, às vésperas da eleição, o juiz supremo delas, **Marco Aurélio de Mello**, presidente do **Tribunal Superior Eleitoral**, compara o escândalo do dossiê ao de **Watergate**, aquele que derrubou **Richard Nixon**.

Fica implícito, pela declaração, que a crise brasileira pode tomar o mesmo rumo.

Quando isso sai da boca do encarregado de arbitrar as eleições é de arrepiar.

No campo da mídia, comentaristas idiotas dizem não entender porque, apesar de tantos escândalos, **Lula** pode ser reeleito ainda no primeiro turno.

São idiotas no sentido literal da palavra, que era usada na **Grécia** antiga para se referir àqueles que se preocupavam essencialmente consigo mesmos e ignoravam os interesses da comunidade.

Os que ficavam de fora da **polis** eram chamados de idiotas.

Isolados, faltava a eles capacidade de analisar e debater questões públicas e políticas.

Pensei nos idiotas gregos quando notei a surpresa de nossos analistas com a resistência de **Lula** ao bombardeio dos escândalos.

Na Copa da Alemanha, jornalistas agiram como se fossem promotores de marketing

Concentração de renda e violência dão ao Brasil a

Ainda não foi desta vez, escreveu um blogueiro.

Ele anunciava o resultado de um levantamento indicando vitória do presidente-candidato em primeiro turno - mesmo depois de novas denúncias, que essencialmente transformaram os tucanos em vítimas de um complô petista.

Será que essa gente não sabe votar? - deve se perguntar o blogueiro.

Escribas de aluguel e jornalistas que sentem no ar para que lado sopram os ventos patronais dizem que se **Lula** vencer será com os votos dos **grotões**.

Usam a palavra de forma pejorativa, como se o voto dos eleitores da periferia e do interior do **Brasil** valesse menos que os da classe média supostamente **bem informada**.

Eu me sinto à vontade para escrever sobre o atual governo: investiguei e denunciei integrantes dele e tive uma discussão com o presidente, ao lado de outros jornalistas, durante a visita de **Lula** à **República Dominicana**.

Mas o trabalho de um jornalista deve ser guiado pela imparcialidade.

A pior coisa que um repórter pode fazer é trombar com os fatos.

Nossos analistas ainda não se deram conta de que aplicam um modelito anos 60 para analisar um país que, para o bem e para o mal, é outro.

Em vez de trocar de povo, devemos trocar de analistas.

Eles parecem escrever uns para os outros, como se pudessem pautar, da marginal do **Tietê**, a conversa no bar de uma esquina de **Rondonópolis**, **Agudos** ou **Barreirinha**.

Franklin Martins chegou perto de entender o novo **Brasil** em recente entrevista à revista **Caros Amigos**, ao dizer que os tradicionais formadores de opinião não formam mais opinião no **Brasil**.

Ele usou o exemplo da pedra no lago para explicar como o processo se dava no País: a partir da classe média, a opinião se difundia em ondas concêntricas, até atingir o **povão**.

Segundo Franklin, as ondas agora batem num dique e voltam: a **classe C** tem seus próprios interesses a defender - e já percebeu que eles nem sempre coincidem com os dos moradores do **andar de cima**, na definição de **Elio Gaspari**.

Houve um tempo em que o **Rio de Janeiro**, nossa gloriosa ex-Capital, era considerado a caixa de ressonância do **Brasil**.

Nada de importante acontecia no País sem antes passar por **Ipanema** ou **Leblon**. Mais recentemente, pelo **Jardim Botânico**.

A supremacia econômica paulista pôs fim à hegemonia carioca e o território que nos deu a **Bossa Nova** foi loteado entre o **Comando Vermelho** e políticos provincianos.

O que se desfaz agora é a **hegemonia midiática do eixo Rio-São Paulo -** no linguajar dos acadêmicos da **USP**.

Não precisei consultar um deles para descobrir.

Consultei meu guru político, o **Cebolinha**, editor de imagens da **TV Globo de São Paulo**.

Ele teve paciência de **Jó** para acessar, na internet, os sites dos jornais mais importantes das cidades médias brasileiras.

Fez uma descoberta simples: eles não tem dado tanto espaço e destaque à crise do dossiê quanto a mídia dos pretensos **centros de irradiação da opinião brasileira**, situados no eixo **Rio-São Paulo**.

É uma faceta bastante simplória de um fenômeno que deveria aparecer no radar de nossos analistas, se eles se dessem ao trabalho de desviar o olhar, um pouco que fosse, para além do próprio umbigo.

cara da Colômbia

Opinião: Valeu botar astronauta bauruense em órbita da Terra

Quando o arquivo desmente um entrevistado

Ópera brasileira: não há nada igual

Estas imagens chocaram os muçulmanos. Eles tinham razão de protestar?

Querem censurar o livro do bispo Macedo

Pergunta que fiz a Ricardo Kotscho: este é um governo autoritário?

Em Brasília, visita ao ninho dos corruptos

Cuidado: tristeza pode detonar o seu coração

Surfista, preso sob a água, viveu de novo no Taiti

Limpeza sexual espalha AIDS na África

Pelé reinou em Nova York sempre bem acompanhado

Romance incentivado por amigos termina em brutalidade

Bispo Macedo: como convencer fiéis a doar

Ver todas

Lembram do sonho de **Juscelino**, de interiorizar o **Brasil** com a construção de **Brasília**?

Pois é, ainda que nem todos tenham notado, aconteceu.

Pedro Bial, em reportagem para o **Jornal Nacional**, esteve lá, na cidade que surgiu do nada por conta do agronegócio.

Aconteceu, amigos: dá para atravessar o **Brasil** de **Santa Maria** a **Imperatriz**, sem passar pela costa.

E existe vida neste **Brasil** interiorano, ainda que haja mais correspondentes da mídia brasileira em **Nova York** do que em **Manaus**.

Se eu tivesse tempo, dinheiro e menos o que fazer, gostaria de submeter nossos comentaristas políticos a um breve questionário:

1. Qual foi a ocasião mais recente em que o senhor ou senhora usou transporte público? (Não vale o metrô de **Paris**);
2. Quando foi a sua mais recente visita a **Dourados**, em **Mato Grosso do Sul**?
3. Já esteve em **Campo Grande** ou **Goiânia**?
4. Foi recentemente a **Parelheiros**?
5. O senhor ou senhora já entrou numa **lan house**? Sabe o que é isso?

Com exceção da primeira pergunta, que é pura provocação, as demais fornecem pistas para desvendar o que não é necessariamente um crime: o **Brasil** costeiro morreu.

E já vai tarde.

Sejam benvindos a um país mais complexo, em que o poder dos coronéis locais, montados em suas concessões de emissoras de rádio e tevê, se esgarça nas franjas.

Se você não sabe o que é uma **lan house**, nem foi a **Parelheiros**, não se sinta um idiota - no sentido grego da palavra.

Lan house é internet de pobre.

Um real por hora.

Está lá, em todo bairro pobre de toda cidade brasileira.

É na **lan house** que a periferia orkuta; que joga aqueles videogames em que o sangue jorra; que imprime currículos em busca de empregos inexistentes; que baixa o vídeo da **Cicarelli**.

Em resumo, é na **lan house** que a periferia faz ligação direta no ônibus que nossos comentaristas supõem dirigir.

E, porque estive lá, descobri em **Parelheiros** o que talvez seja a **classe C** a que se referiu **Franklin Martins**.

A classe média sem água e esgoto.

A mais completa tradução da **Belíndia**, das **Bélgicas** e **Índias** que se fundem no **Brasil**: carro usado na garagem, máquina de lavar, videogame, dvd, internet discada, ligação clandestina de água, bacias para recolher água de chuva, fossa e água de chuveiro desembocando direto na rua.

Lá o eleitor conversa enquanto o telejornal está no ar, comenta os diálogos da novela, vai na **lan house** procurar emprego e conversar pelo messenger. Os estudantes dão copy e paste para fazer trabalhos de escola.

Estejam certos de que os eleitores de lá não **obedecem** ao andar de cima.

Então o Lula pode ser reeleito com os votos de **revolucionários** da periferia?

Pelo contrário, ele terá os votos dos conservadores, no sentido literal da palavra.

E o que estes eleitores querem conservar?

A tênue ascensão social que tiveram nos últimos quatro anos está expressa no grande crescimento das vendas da linha branca de eletrodomésticos e no espetacular

developed by:
scripteria
design by:
café azul mídia digital

crescimento do número de aparelhos de telefonia celular no Brasil.

Ou alguém acha que as **Casas Bahia** se tornaram um fenômeno por causa da freguesia dos **Jardins** paulistanos ou da **Barra da Tijuca**?

Na periferia das grandes metrópoles existe um movimento silencioso e não organizado que responde pela sigla de **MCL**, o **Movimento Conservador de Lula**.

Eleitores para os quais a perda de um emprego ou uma doença na família significa mergulhar de novo abaixo da linha da pobreza.

Quando os eleitores de **Paralheiros** se juntam para fazer política, é para pedir água, creche, escola. Não dá para trazer asfalto? Faz pelo menos o meio-fio.

No **Brasil**, só as ambulâncias são mais superfaturadas do que os marqueteiros.

Duda Mendonça, vendedor de enciclopédias, fez fortuna às custas da ignorância dos políticos.

Eles se merecem.

Tanto quanto nossos veneráveis comentaristas, os gênios do marketing eleitoral brasileiro aplicam idéias belgas em nossa Índia.

Eles ainda se imaginam no **Brasil** costeiro, lançando idéias continentais para um país que agora é local.

Toda política é local, diz o ditado.

Nunca foi tão verdadeiro.

Agora, o que é bom para **Campo Grande** pode não servir para **Goiânia**.

Existem mercados e interesses econômicos locais.

Sabem o que me contou o presidente do **Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo**?

Que as montadoras fugiram do **ABC** em busca de isenção fiscal e mão-de-obra mais barata.

E o que aconteceu?

Os metalúrgicos do **Paraná**, de **Minas Gerais** e da **Bahia** estão cada vez mais próximos de obter salários equivalentes aos do **ABC**.

Qual o impacto econômico e político regional deste fenômeno?

A maior rede de material de construção de **Mato Grosso** é de um empresário tosco e simpático que conheci em **Nova York**, que sentia saudade de arroz-feijão depois de três dias em **Manhattan**.

O homem vai se tornar um fenômeno estudado pela **Harvard Business School** antes de ser descoberto pela mídia brasileira.

No cartão pessoal dele, além de nome e telefone, está escrita a meta de vendas que pretende atingir no ano.

Fez fortuna na rebarba do agronegócio.

O mesmo agronegócio que exibe sua cara perversa ao avançar sobre o sul da **Amazônia**, devastando o cerrado e a floresta tropical para **plantar** gado e soja.

Em todo o **Centro-Oeste**, milhões de brasileiros foram beneficiados direta ou indiretamente pelo sucesso do agronegócio e uma boa parte deles vai votar em **Lula**.

Em **Dourados**, **Mato Grosso do Sul**, índios pedem esmola nas ruas mas os fazendeiros andam de carro importado, a classe média compra aparelhos de tevê de tela plana e os remediados compram rádio, bicicleta e dvd.

O **Wal Mart** está chegando a esse novo Brasil.

Vai ser interessante - talvez trágico - assistir ao confronto dele com as bodegas de esquina.

O **Blockbuster** vem em seguida. Vai detonar o videoclube que faz fiado?

Emprestando a imagem de **Franklin Martins**, eu faria um reparo.

Não é que as ondas causadas pela pedra no lago atinjam o dique da **classe C** e refluam.

É que não somos mais apenas um grande lago, onde **ALGUNS POUCOS** atiram pedras.

Somos milhares de lagos, onde **MILHARES** atiram pedras - usando o **You Tube**, a rádio local, o jornal de bairro, a tradição oral do interior - expressa nas conversas de bar e no bate-papo das calçadas.

A falta de compreensão deste fenômeno deixa os gestores da grande mídia no escuro.

Já aconteceu de algum integrante do **MST** aparecer na TV sem ser chamado de bandido, arruaceiro ou baderneiro?

Qual foi a última longa entrevista de um líder do **MST** em uma emissora de tevê, de rádio, em um jornal?

Será que eles vão seqüestrar repórter para sair no jornal?

Claro que não - vão fazer seu próprio jornal.

Milhões de integrantes de movimentos sociais organizados vão votar em **Lula** porque se enxergam nele ou, pelo menos, por considerá-lo o candidato **menos ruim**.

Essa gente não é representada adeqüadamente na mídia do **eixo Rio-São Paulo**.

Jornalistas, profissionais de classe média, em geral procuram suas fontes onde é mais fácil encontrá-las: na academia, em representantes de entidades que defendem interesses corporativos e nas assessorias de imprensa.

Elas ganham para **plantar** entrevistados no rádio, nos jornais e na tevê.

É só ter o cuidado de fazer uma pesquisa: quantos centímetros de jornal e minutos de televisão são ocupados por **analistas** do mercado financeiro, profissionais liberais e **especialistas** de todo gênero?

Por que essas pessoas, em geral de classe média, expressariam na mídia os interesses da periferia, dos pequenos agricultores ou dos operários de chão de fábrica?

Por que a **CUT** decidiu criar seu próprio programa de rádio e de televisão?

Por que a **Força Sindical** segue o mesmo caminho?

O **Brasil** de **Parelheiros** vai aparecer na tevê a não ser em casos de chacina?

O **Jornalismo**, que um dia foi tratado como serviço público, agora vende notícia como produto.

De um lado, a independência financeira dá às empresas maior liberdade de manobra diante das forças políticas.

De outro, **Parelheiros** é sub-representada no conteúdo porque não vivem lá os consumidores tradicionais de notícia.

Os sem-terra não valem um tostão como notícia, a não ser quando mostram o que a elite quer ver neles: arruaça
e banditismo.

Durante sua primeira campanha eleitoral, nos **Estados Unidos**, **Bill Clinton** mandou pendurar no comitê de campanha uma placa com os dizeres: "It's the economy, stupid". É a economia, estúpido.

Uma forma de lembrá-lo de que americano vota com o bolso.

Não deveria ser novidade para ninguém: brasileiro também vota com o bolso.

Nossos comentaristas se entregaram, nos últimos meses, a desqüalificar os programas de transferência de renda.

Os programas foram atacados como **assistencialistas**, fruto do **populismo** de um presidente **pai dos pobres**.

É um jogo de palavras para desqüalificar os votos dos nordestinos, uma maneira indireta de expressar o preconceito - essencialmente paulista e carioca - contra os retirantes, os cabeça-chata, os pau-de-arara, os paraíbas.

Pode se discutir o mérito dos programas sociais e, como demonstrou o jornalista **Ali Kamel** no livro **Não Somos Racistas**, pode se argüir que seria mais inteligente investir em educação básica de qualidade para todos.

Mas não se deve esquecer que aqui também se manifestam interesses de classe: a elite paulistana não quer que o dinheiro de seus impostos seja investido com **aquela baianada preguiçosa** - até hoje proibida de usar os elevadores sociais nos edifícios chiques de **Higienópolis**, **Moema** e **Itaim**.

Descabida ou não, a transferência de renda turbinou o comércio das pequenas cidades nordestinas.

Serão milhões de votos para **conservar Lula**.

Portanto, quando algum comentarista disser que não entende como o presidente pode ser reeleito **- apesar de todos os escândalos** - ou é incompetente ou está a serviço de alguma campanha.

É ardiloso desqüalificar os eleitores de **Lula**, como se eles não soubessem votar, como se fossem mal informados ou ignorantes.

Enquanto escrevo, três militares da reserva divulgaram uma nota dizendo que a "sensação é de iminente perigo à Democracia".

["Nota dos Clubes Militares

Em meados de 2005, explodiu o escândalo do chamado "mensalão", a partir do flagrante preparado contra um funcionário desonesto e das denúncias abertas de um Deputado ameaçado pela armação que se preparava para fazê-lo o "bode expiatório".

A Nação a tudo assistiu, aturdida pela desfaçatez de homens públicos e membros do governo.

A partir de então, todos os dias são tornados públicos novos escândalos, sempre envolvendo pessoas próximas ao Governo, ao Presidente ou ao seu Partido.

As demissões, forçadas pelas circunstâncias e pelo constrangimento político, nunca foram acompanhadas de completa apuração e das punições necessárias.

A sucessão de casos escabrosos e de atos de corrupção já não surpreende o brasileiro honesto. Nesta semana, surge outro escândalo.

Uma tentativa de comprometimento de dois candidatos a cargos executivos com o "caso da compra das ambulâncias", mediante a negociação fraudulenta de suposto "dossiê".

Chantagem ou denúncia, mas com a evidente intenção de desqualificar concorrentes eleitorais.

Novamente, envolvendo assessor do Presidente, pessoas importantes na hierarquia do seu Partido e dinheiro de procedência duvidosa.

Já se torna evidente que a corrupção não é somente um ilícito do qual se beneficiam pessoas e grupos, mas sim algo que se transformou em meio de conquista e manutenção do poder.

A sensação é de perigo iminente à Democracia.

Por isso os Clubes Naval, Militar e de Aeronáutica, por seus Presidentes, sentem-se no dever de manifestar, publicamente, sua indignação com esse estado de coisas e de ressaltar a importância das próximas eleições como instrumento à disposição do povo brasileiro para o saneamento da vida política nacional.

Almirante Esq José Julio Pedrosa - Presidente do Clube Naval

Gen Ex Gilberto Barbosa de Figueiredo - Presidente do Clube Militar

Ten Brig Ivan Moacyr da Frota - Presidente do Clube de Aeronáutica"]

Esse ardil é, sim, golpista.

É a tentativa antecipada de tirar a legitimidade da escolha popular, abrindo espaço, no futuro, para **manobras não republicanas** de gente que não é exatamente modelo de democrata.

Por fim, há outros conservadores que tem razões de sobra para votar em **Lula**: os banqueiros, que nunca lucraram tanto quanto nos últimos quatro anos.

Quem diria: o **Bradesco** e o **MST** enfim unidos no mesmo lado da trincheira.

[Enquanto escrevo, pisca na tela do G1, o portal de notícias da Globo: "O nível de pobreza da população brasileira teve forte queda nos anos de 2004 e 2005, de 19%, comparável apenas à redução ocorrida no início de Plano Real, dez anos antes. Os dados fazem parte da pesquisa "Miséria, Desigualdade e Estabilidade: O Segundo Real", divulgada nesta sexta-feira (22) pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e que analisa a pobreza desde 1992. No Plano Real, entre 1993 e 1995, a queda havia sido de 18,4%.]

Aqui não vai qualquer juízo de valor.

Lula chegou antes a esse **Brasil** que vai além dos consumidores de jornal, tevê a cabo e internet banda larga, seja por intuição ou por ter enxergado o que outros só olhavam.

Assistimos hoje a um espetáculo de hidrofobia que, lamentavelmente, não se fez quando a **Vale do Rio Doce** foi privatizada ou quando surgiram denúncias de que o ex-presidente **Fernando Henrique Cardoso** comprou votos no **Congresso** para garantir seu direito à reeleição.

Embora isso não justifique o banditismo de integrantes do governo Lula, está claro que sanguessugas, vampiros e mensaleiros começaram a agir no governo **FHC**.

O que fez a **Polícia Federal**, então?

E **Geraldo Brindeiro**, o engavetador-geral da **República**?

Houve mudanças no **Brasil**, sim, nem sempre para pior.

O controle inflacionário e os programas de transferência de renda implantados nos últimos doze anos produziram o fortalecimento de um mercado de consumo que vai além da **Zona Sul belga** das metrópoles brasileiras, dos tradicionais **formadores de opinião**.

O que sei, porque estive lá, é que o que **Lula** diz - e da forma que diz - pode parecer outro idioma para os brasileiros belgas, mas é perfeitamente entendido em **Parelheiros**, **Goiânia** e **Dourados**.

Ainda mais quando comparado com o que dizia o belga que o antecedeu.

Quer saber das investigações que fiz do governo Lula? Clique em:

http://viomundo.globo.com/site.php?nome=PorBaixoPano&edicao=268

Quer saber da discussão que eu e um grupo de jornalistas tivemos com o presidente Lula? Clique em:

http://viomundo.globo.com/site.php?nome=MinhaCabeca&edicao=247

(atualizado em 25 de setembro de 2006)

Indique esta matéria

Vi o Mundo 2005 - 2006 - Todos os direitos reservados
As opiniões expressas no site são de responsabilidade dos autores